

ANTONIO RODRIGUES SAMPAIO

O ESPECTRO

NOVA EDIÇÃO CONFORME A EDIÇÃO ORIGINAL



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO «DIARIO DA MANHA»
79, RUA FORMOSA, 79
1880

O ESTADO DA QUESTÃO

Estão em lucta, estão em presença dois principios rivaes—o popular, o revolucionario com toda a seiva da vida, com todos os elementos de ordem, com todas as condições de governo, com todas as esperanças do paiz, e o governo pessoal com todas as tendencias retrogradadas, com todas as inclinações do despotismo, com todas as pretensões individuaes, querendo dominar e corromper o corpo eleitoral, avassalar o parlamento, e assenhorear-se dos destinos da nação.

O estado de indecisão não pôde durar muito, a batalha vai ferir-se, a questão vai resolver-se. Qual será o seu resultado? qual a sua influencia? Examinemos ambas as hypotheses.

Se o governo pessoal triumphar, a consequencia é que o systema representativo morreu. A co-existencia d'estes dois principios é impossivel, um exclue necessariamente o outro. O rei não consulta senão a sua vontade, as ambições dos aulicos, as vozes dos intrigantes, as vinganças mesquinhas.

A camara, se a houver, será uma camara de funcionarios vendidos—será o despotismo hypocrita com os trajes da liberdade.

Se essa camara, por excepção, quizesse ser livre, não o poderia ser. A vontade caprichosa da côrte, d'essa côrte sem coração e sem cabeça, d'essa côrte arrogante na prosperidade, abjecta na desgraça, prevaleceria sobre a vontade das suas creaturas.

Mas o governo pessoal não triumphar, e o principio revolucionario vai supplantar-o.

O que fica sendo uma realza vencida? Que prestigio pôde ter um rei que desembainha a espada *ferrugenta*, e que depois é obrigado a despir a farda no meio da rua?

Um rei vencido não é rei. A realza vilipendiada não sómente é inutil, é um mal. O rei que desce da esphera da sua inviolabilidade para a praça publica ou vence ou morre—ou esmaga os contrarios ou é esmagado por elles.

O rei pôde assistir á lucta dos partidos sem entrar n'ella—deve-o fazer. A sua missão não é descer á estacada, não é atizar os odios, accender as vinganças, é acalma-los e dar o premio ao vencedor. O rei que lança a sua espada na concha de uma das balanças dos partidos não é rei constitucional, é um faccioso. O rei só tem um thermometro que o guie—é a maioria parlamentar filha de uma eleição verdadeiramente nacional.

A conspiração da tenebrosa noite de 6 de outubro foi obra da côrte—o governo pessoal triumphou ali do governo revolucionario que o paiz tinha instituido:—o paiz reagiu e vai intimar á côrte facciosa a sua vontade soberana.

O *statu quo ante bellum* é impossivel: o governo revolucionario não pôde já alliar-se com o governo pessoal. A côrte podia servir o paiz abraçando sinceramente a revolução, compenetrando-se do seu espirito, satisfazendo as suas necessidades; mas depois da ultima traição todo o accordo é impossivel. A revolução não pôde confiar em quem a trahiou—o rei não pôde honestamente abraçar a causa que aborrece. Nenhum dos principios tem garantia: a scena de 6 de outubro pôde repetir-se, e a nação não hade estar a fazer revoluções todos os dias para derrubar ministerios impopulares e administrações de rapina.

O paço é incorrigivel—conspira sempre. Não acreditamos na coacção. Uma rainha que se declara seis mezes coacta cada anno não é rainha—uma rainha cujo governo é uma têa de Pe-

nelope está julgada—condemnando todos os systemas, fulminando todos os seus homens, acaba por se condemnar a si propria.

O paço é a espelunca de Caco, aonde sempre se teem reunido os conspiradores. A purpura dos reis tem servido para varrer a immundicie dos palacios e dos cortesãos mais abjectos.

Em conclusão:

Ou a revolução ha de succumbir, repetindo-se a bacchanal de 6 de outubro, acabando o governo representativo e succedendo-lhe o pessoal, ou a rainha deve abdicar, separando-se inteiramente dos negocios publicos com seu marido e com o mestre Dietz, aos quaes se devem umas poucas de revoluções e o estado de anarchia em que se acha o paiz. Esta abdicção espontanea será o unico acto racional do reinado da sr.^a D. Maria II.

Qualquer outro desfecho não é acabar a guerra, é prolongar a sua duração—é sujeitar a liberdade a maiores riscos, a dynastia a grandes perigos, e o paiz a convulsões que podem decidir da sua existencia.

Este é o *estado da questão*.

Lisboa, 23 de outubro.